



POLÍTICA OPERÁRIA

A campanha salarial está se encerrando sem luta. Crescem os ataques dos patrões aos empregos, salários e direitos.

A burocracia sindical traidora, que negocia os acordos de demissão, terceirização e retirada de direitos, agora está nas fábricas, mentindo para os operários à caça de votos.

Setembro está chegando. A campanha salarial não saiu do papel. A direção do sindicato metalúrgico não convocou as assembleias para organizar uma campanha unificada que possa impor aos patrões a reposição integral da inflação, aumento real e um salário mínimo vital, suficiente para manter os trabalhadores e suas famílias. As empresas terceirizadas estão cada vez mais arrancando nosso couro. As denúncias de superexploração e de quebra de direitos estão em todas as empresas. As demissões continuam, basta ver o que ocorreu nesse mês na GM de São José dos Campos.

Agora, depois que enterrou a campanha salarial, os burocratas tiraram da cartola uma carta de reivindicações, para ser entregue aos candidatos às prefei-

turas. Quer mais uma vez que a classe operária tenha ilusões que esse é o caminho para se obter conquistas, com o tal comprometimento dos politisqueiros. Falso! Pela via das eleições, não garantiremos nossos empregos, salários e direitos. O nosso caminho é a luta direta, a nossa força coletiva.

O Boletim Nossa Classe insiste que somente uma campanha salarial unificada, organizada a partir das assembleias, sob o método grevista, será possível arrancar nossas reivindicações. Denuncia a política traidora dos burocratas vendidos e eleitores. E chama a vanguarda com consciência de classe a trabalhar pela recuperação de nosso sindicato para a luta de classes.

Cinpal confisca salário e avança na terceirização! Organizar a luta já!

Operários da Cinpal denunciaram ao Nossa Classe que a empresa está fazendo descontos nos salários e, além de não dar explicação, não entrega os holerites. Denunciaram também que a nova direção da empresa está terceirizando vários setores da fábrica; que a empresa não paga horas extras alegando Banco de Horas (que os operários não conseguem tirar), e que receberam este ano apenas R\$ 140,00 de PLR. A empresa, como sempre, mente dizendo que “não foram atingidas todas as metas”.

A PLR, como já denunciávamos, é uma forma dos patrões não aumentarem os salários. O valor da PLR não é contabilizado nas férias, 13º, aposentadoria etc. As metas servem apenas para os patrões colocarem trabalhador contra trabalhador, pressionar os operários para que trabalhem mais. Frente a estes problemas, que devem ser encaminhados e resolvidos de forma coletiva, a direção traidora do sindicato foi à

fábrica e fez o jogo do patrão, dizendo que era necessário ver “caso a caso o erro no pagamento dos salários e que não poderia representar os terceirizados”.

O Boletim Nossa Classe defende a luta unificada dos trabalhadores terceirizados e efetivos. Dizemos: Operários terceirizados e efetivos pertencem à mesma classe, são uma mesma classe. Chamamos os operários a exigirem que o sindicato convoque uma assembleia geral para organizar a luta em defesa do pagamento dos descontos realizados nos salários; fim do acordo de banco de horas; incorporação da PLR aos salários; redução da jornada de trabalho, sem redução de salários, para garantir emprego a todos os trabalhadores. É preciso erguer a luta local e nacionalmente em defesa da imediata efetivação dos trabalhadores terceirizados!

Leiam e divulguem o **Jornal Massas**. É um jornal voltado à luta pela emancipação da classe operária e demais oprimidos da exploração capitalista. É um jornal do Partido Operário Revolucionário (POR) que luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista.

O Nossa Classe chama os trabalhadores a darem todo apoio ao **Jornal Massas!**



Denúncias dos operários terceirizados da Braskem

Existem mais de 20 empresas terceirizadas dentro do polo petroquímico, onde fica a Braskem. A exploração pelas empresas terceirizadas é tão grande que, além de reduzirem os salários, obrigam os operários a trabalharem em condições insalubres. Um operário denunciou que é obrigado a andar mais de 30 minutos a pé, dentro da Braskem, para chegar ao seu local de trabalho. Inclusive, em dias de chuva chegam a trabalhar ensopados. Disse que muitos operários estão insatisfeitos, porque até hoje não receberam o acordo salarial, que venceu em 1º de Maio; que o Vale Alimentação e a PLR estão

atrasados; que o Convênio Médico saqueia 25% dos salários a título de coparticipação, para atender aos familiares e dependentes.

O Boletim Nossa Classe vem fazendo a campanha pela constituição de uma comissão de fábrica de luta, independente dos patrões, que reuna trabalhadores efetivos e terceirizados. Faz a campanha pela efetivação de todos os terceirizados, fim da reforma trabalhista e da Lei da Terceirização. Levanta a bandeira de trabalho igual, salário igual. E defende o salário mínimo vital, necessário para manter a família dos trabalhadores.

Formação política do Boletim Nossa Classe

Os sindicatos e a ação direta

Os sindicatos potenciaram a ação direta, que é o método próprio de luta do proletariado (assalariados). A ação direta - na forma de revoltas, quebra de máquinas, sabotagens à produção etc. - possibilitou, no passado, o surgimento dos sindicatos. Esses organismos, criados pelos operários, foram aprimorando os seus métodos, com as greves, manifestações, ocupações de fábricas etc. Deram ao método da ação direta a coesão coletiva e colocaram a necessidade da unidade de classe, da classe operária, contra a classe capitalista. A luta organizada dos sindicatos, baseada na ação direta, assinalou o princípio da luta política, revolucionária, contra os exploradores. A atividade sindical das massas, movida pela luta de classe, fez dos sindicatos a primeira escola revolucionária do proletariado.

As tendências instintivas de revolta contra a exploração da burguesia (dos patrões), passaram a se manifestar organizadamente. O choque organizado contra os patrões obrigou o proletariado a observar suas próprias experiências e aprender com elas. A experiência de luta da classe operária no Brasil - e no mundo - mostrou que todos os direitos conquistados, como a redução da jornada de trabalho para 8 horas,

férias, 13º e outros, foram impostos aos patrões e aos governos burgueses por meio da ação direta, das greves, como as grandes greves dos metalúrgicos do ABC e de São Paulo, na década de 70 e 80.

A partir da década de 1990, as direções sindicais ligadas à CUT e demais centrais, abandonaram a ação direta e adotaram a política de conciliação de classes, e passaram a negociar sem luta os acordos de demissão, terceirização, redução de jornada com redução de salários, PNDV e Lay-off, que só beneficiam os patrões. Os dirigentes traidores inventaram a conversa de que não é mais necessário fazer greves. Mentem, dizendo que é possível, através do "diálogo" e das "negociações", defender os empregos, salários e direitos.

Conclusão: a política de conciliação só trouxe derrotas, demissões, redução de salários e direitos para a classe operária. Por isso, a tarefa colocada é a de construir as comissões de fábricas de luta, classistas e revolucionárias, em todas as fábricas, para expulsar a burocracia traidora e resgatar o sindicato para defender as reivindicações da classe operária, por meio da ação direta, das greves, manifestações e ocupação de fábrica.

Nenhuma ilusão nas eleições burguesas!

Chamamos os operários e demais explorados a acreditarem apenas em nosso método próprio de luta, ou seja, na greve, na ocupação de fábrica e nos bloqueios, para defender nosso programa próprio de reivindicações. A tarefa colocada é a de construir nosso próprio partido, operário revolucionário, para expulsar a burguesia do poder por meio de uma revolução social e constituir um governo operário e camponês.

Denúncia dos operários da empresa SeSe, terceirizada da Mercedes

Os operários da empresa SeSe, terceirizada que presta serviços na Mercedes, enviaram mais denúncias da superexploração, demissão e perseguição que vem fazendo a patronal aos trabalhadores que reivindicam seus direitos. Um operário denunciou, revoltado, que "há um ano que acumulamos banco de horas e foi dito que seria pago em 6 meses, depois passou para um ano e finalmente chegou, e sempre que pedimos a quantidade de banco de horas, isso nunca foi passado. Uma hora porque o RH não fornecia, outra hora o coordenador Axion, mais conhecido como Caju, dizia que daria - mas, nunca informou.

Um certo dia, fomos convocados para uma reunião às 23h35, sendo que paramos às 23h50, para fazer uma votação que seria sobre o banco de horas, para decidir se o pagamento dessas horas seria em dinheiro, pagamento em 4 vezes ou no VA em 3 vezes, sendo que ninguém sabia a quantidade de horas que tinha. Fomos fechados na sala, cerca de 20 pessoas, para fazer essa votação. Questionamos a quantidade de horas e o Caju disse que tinha o percentual, não o exato. Então, a maioria se recusou a votar, e o Caju disse: 'vocês têm que votar agora'! E o pau fechou, porque não queríamos votar por uma coisa que não sabíamos que seria o melhor. O Caju, então, disse: 'vocês que sabem, se não votarem, vai ser o que a maioria decidir no geral'. A maioria se retirou, ficando no máximo 6 companheiros e não foi

mostrado nada depois em relação a essa votação. Para mim, a votação deve ser aberta, para todos verem. Não sabemos o que os outros votaram.

Resumindo, foi decidido que será pago em VA e pagaram o que eles quiseram, porque até hoje não sei quanto de horas eu tinha, e digo pelos meus companheiros que também não sabem. Infelizmente, o nosso sindicato não faz nada. Já fui até lá e liguei várias vezes pedindo os 'acordos' que tanto falam e ficam naquele jogo de empurra".

Outro operário denunciou que a empresa cancelou as férias de companheiros que já tinham um ano e seis meses. As denúncias dos operários terceirizados da SeSe, Braskem e Cinpal mostram que a terceirização significa maior exploração da força de trabalho, baixos salários, retirada de direitos, e que afeta a todos os trabalhadores, em todas as fábricas. Deixam claro também o papel traidor do sindicato metalúrgico do ABC, que faz os acordos de terceirização, permitindo a superexploração dos operários pela Mercedes e demais empresas.

O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores terceirizados a se organizarem no chão de fábrica para construir uma comissão classista e revolucionária, para organizar a luta em defesa das reivindicações que unificam os operários terceirizados e efetivos. Lutar como uma só classe contra os patrões parasitas, expulsar os dirigentes sindicais traidores e resgatar o sindicato para a luta de classes!

Encontro Operário

25/8 • 15h • Santo André

Nosso objetivo é construir comissões de fábrica e oposições sindicais democráticas, classistas e revolucionárias para resgatar os sindicatos para a luta em defesa dos empregos, salários e direitos.

Entre em contato através do número:
(11) 95446-2020